

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIDA COTIDIANA

Carlos Rodrigues Brandão



***Nesta versão “nas nuvens”
este escrito, que foi antes um livro
um capítulo de livro, um artigo
ou um outro qualquer texto,
pode ser acessado, lido e utilizado
de forma livre, solidária e gratuita.***

***Outros escritos meus
podem ser acessados em
www.apartilhadavida.com.br***

Qualquer um de nós poderia um dia escrever a sua biografia. Muitas vezes nos surpreendemos contando a um amigo partes de nossa vida, destacadas do resto dela, ou como fração de tempo (a minha infância), ou como um aspecto particular (a minha vida profissional). Algumas pessoas mantêm mesmo o hábito de escrever diários. De qualquer forma, em qualquer destes casos, tudo o que se escreve ou conta não é mais do que passagens, momentos de um longo “fio de vida” que não se interrompe, e que se expressa a cada momento numa situação muito concreta: o *cotidiano*.

Uma análise da existência do homem, de seu comportamento, daquilo que o motiva ou que chega mesmo a se tornar o próprio “sentido de sua vida”, seria muito melhor compreendida se este “mundo do cotidiano” pudesse ser desvendado a ponto de se extrair dele informações sobre a própria realidade da vida humana. Afinal é só no contar “de cada um dos momentos de nossa vida - até mesmo os mais apagados - que se torna possível juntá-la como um todo, como uma história verdadeira. Um história biográfica, pessoal bem diferente daquela em que são reunidos apenas os “grandes momentos”, justamente o que foge deste cotidiano onde nós vivemos a imensa maior parte do que somos.

Parece que somos sempre duas pessoas numa só: aquela que vive conosco a experiência do dia-a-dia, e aquela que freqüentemente idealizamos e colocamos em situações que nunca cabem dentro de nosso verdadeiro cotidiano. A experiência que propomos neste escrito é a de uma análise puramente descritiva, não tanto das estruturas e dos processos sócio-pessoais, tal como eles acontecem na vida das pessoas e dos grupos que elas formam, mas da forma como este mesmo cotidiano é percebido e interpretado pelas pessoas. Assim sendo, isto é mais uma reflexão sobre a *experiência subjetiva da vida cotidiano*, do que um estudo sobre os processos e efeitos do comportamento humano no interior do cotidiano. Procuraremos encontrar os aspectos principais do “como” cada um de nós ao experimentar a vida de cada momento - representa em sua consciência este próprio existir numa sucessão de cotidianos.

Quando nos colocamos frente a um grupo de pessoas, como nossos estudantes, sentimos que estamos criando uma forma muito especial de troca de existências dentro de momentos de vida de cada uma das pessoas do grupo. Para cada um deles, “aquilo”, a “aquele momento”, “aquela situação” significam uma coisa pessoalmente diferente. E as experiências vividas por cada participante de

um *momento de encontro* serão representadas de maneiras muito diferentes em/para cada um dos presentes. E elas deverão mobilizar saberes, sentimento e significados diversos para as suas próprias vidas. Nós entramos, como educadores, em frações da vida “do outro”, com possibilidades de influenciar a direção de algumas destas vidas, de uma maneira sempre provisória e limitada. Ainda que, em algumas ocasiões, ela possa ser experimentada por algum ou alguns de nossos alunos como “decisiva”.

Assim, eis-nos diante destas perguntas: como cada um de nós representa para si mesmo e comunica aos outros, cada experiência vivida em uma fração de sua vida? Como cada um de nós representa em seu mundo interior a continuidade real de nossa vida como a longa e sinuosa linha tecida de infinitos momentos vida e de encontros e desencontros do/no cotidiano?

A minha consciência é uma permanência de relações entre eu e meu mundo, relações estas que são possíveis de representação. Nesta mesmo sentido eu posso dizer que minha consciência é sempre a representação de alguma coisa (Carl Rogers diria, de algo dentro de *meu campo fenomenológico*): alguma coisa que eu aprendo e “significo” através de relações que estabeleço com as várias “esferas do mundo” com que eu me relaciono e comunico. Em grande medida, é através de uma progressiva integração destas representações pessoais de relações eu-mundo que vou organizando o meu _quadro interno de referências. Este quadro interno de referências contém todo o conjunto estruturado de significações que eu atribuo: a mim mesmo ao meu mundo e às relações eu-mundo. É com base nos dados deste meu quadro interno de referências que eu procuro, a cada momento de vida, orientar minhas novas relações eu-mundo.

Minha consciência representa o “real” para mim. Como eu me movo em esferas diferentes de “real” (o mais próximo, o distante, o cotidiano, o muito raro, o fácil, o difícil, aquilo que eu vejo e todo, aquilo que eu nunca vi, mas em que acredito, etc), posso dizer que minha consciência representa níveis diferentes de “real”.

Em primeiro lugar eu posso acreditar que represento *eu-mesmo* em minha consciência. Isso acontece sempre que reflito sobre mim, ou sempre que sei que estou vivendo ou sentindo alguma coisa: acontece quando simplesmente, mesmo sem parar para refletir sobre alguma coisa que sinto, *sei* que estou sentindo. Acontece, em síntese, quando qualquer acontecimento-meu-em-mim é percebido e representado pôr mim mesmo.

Da mesma forma eu represento em minha consciência, “partes de meu mundo”, tudo aquilo que está em meu campo perceptivo e que recebe de mim uma determinada significação: o lugar onde estou, as coisas que vejo e todo, as pessoas com quem converso, aquilo que elas dizem para mim. Mais ainda, posso representar em minha consciência coisas que não estão em meu campo perceptivo (ainda que possam ser percebidas de alguma forma) e que também não fazem parte de meus sentimentos e emoções (ainda que possam provocar em mim profundas emoções). Posso representar a figura de Deus, creia ou não nele. Posso representar e me emocionar ao recordar o sonho de ontem, em que um amigo morto muito querido conversava comigo. Posso me surpreender, em uma noite escura, com um súbito medo de algum ser sobrenatural de cuja inexistência tenho a mais plena certeza, mas que num momento real de medo pode me parecer tão terrivelmente verdadeiro e existente.

A certeza que eu tenho, a partir de todas estas constatações, e a de que eu percebo realidades interiores ou exteriores a mim, em esferas muito diferentes da realidade. Com isso, represento em minha consciência um mundo que tem, para mim, níveis muito diversos “de realidade”, que eu coloco sempre em relações muito diversas de proximidade e distância (um sentimento muito intenso e presente, uma remota recordação, o papel que vejo e toco, um ser em que penso, mas não vejo).

De tudo aquilo que eu posso representar em minha consciência, ao longo de minha vida, o que me aparece como sendo a parte mais real do mundo que permanentemente represento para mim? Resposta: *a própria vida cotidiana, ou o próprio cotidiano de minha vida.*

Reflitamos sobre isso. Eu posso crer ou não crer naquilo que tenho em minha consciência. Posso não acreditar, em absoluto, na existência de vida no Planeta Marte, ainda que possa escrever um romance sobre os marcianos; posso duvidar da existência de Deus e tê-lo sempre presente em minha lembrança; posso seguir acreditando na existência de um amigo que não vejo há 5 anos, e que morreu no ano passado. Mas há uma forma de real-representado que se impõe a mim como efetivamente existente: é este momento, este absoluto exato instante de minha existência, em que estou aqui, escrevendo. São acontecimentos que, em plena vigília, eu experimento pessoalmente em meu mundo. Essa vida cotidiana se impõe à minha consciência com uma força tão grande que não posso deixar de acreditar nela. É até o contrário o que se passa: minha atitude mais natural é aceitar a sua existência a ponto de nunca me preocupar em encontrar provas para reforçar esta

existência. A evidência máxima de existência vem à minha consciência sob a forma de meu próprio cotidiano, pela evidentíssima certeza das relações que eu vivo a cada momento, com cada uma das pessoas que atravessam cada instante de minha vida. Como as outras coisas (fora de meu cotidiano concreto) podem ser representadas em minha consciência sem que eu tenha delas uma experiência concreto, posso representá-las de maneiras muito diversas e posso fazer com que variem dentro de mim de tempos em tempos. São representantes de “existentes não cotidianamente experimentados”. Mas aquilo que eu vivo e experimento a cada momento de meu cotidiano, isso se impõe a mim. Os seus termos se impõem à minha consciência de tal forma que essas representações acabam se tornando em uma “atitude natural”. Todos nós achamos natural que uma pessoa tenha dúvidas sobre a existência de Deus e venha fazer grandes esforços para atingir uma certeza a este respeito. Mas quem de nós deixaria de estranhar profundamente o fato de um conhecido vir dizer-nos que começa a duvidar da existência real de sua cabeça, sua camisa, sua casa, da rua onde mora e das relações que experimentou hoje com fatos, pessoas e objetos?

As representações que nós fazemos ainda do cotidiano são marcadas pela certeza que temos de que há uma certa independência entre partes do que está neste cotidiano, e nós mesmos. Acredito piamente na existência de um mundo real que “estava aí” antes de meu aparecimento nele. Acredito que ele seguirá existindo mesmo após o meu desaparecimento dele. E eu acredito nisto muito concretamente: na existência anterior da casa para onde fui levado quando nasci, na existência de minha mãe, da primeira camisa que vesti, etc. Assim também eu creio que meus filhos sobreviverão a mim. Se não fosse assim, como se explicaria o fato de utilizarmos uma grande parte de nossa vida com o pensamento fixo na idéia de eu “devo deixar algo antes de partir?”

O cotidiano onde eu me movo e existo é o meu mundo, tal como ele aparece para mim, no entanto, ele está acontecendo num mundo que subsistirá a mim. Simplifiquemos a relação: o meu cotidiano é experimentado através de cada uma das relações que eu mantenho com o meu mundo. É feito através de minha existência, logo ele se acaba com ela. Mas ele é vivido num mundo real que eu represento como independente de mim, e que sei que sobre-existirá a mim. Assim eu o percebo e represento. Pôr isso muitos de meus sentimentos e comportamentos são como são.

O meu cotidiano é percebido pôr mim como uma realidade ordenada. Uma parte muito importante de todos os meus comportamentos são feitos sobre a suposição de que há níveis sempre presentes de organização de tudo aquilo que rodeia o meu cotidiano. Posso fazer certas coisas porque me acostumei a esperar certas respostas dos outros. É pôr causa desta ordenação do cotidiano que eu incorporo ao meu quadro interno de referências que eu sou capaz de pôr exemplo, caminhar pela rua sem a preocupação exagerada com a minha própria segurança. Eu acredito, depois de experimentar muitas vezes certas relações, que as coisas estão ordenadas de tal forma e se comportam de tal maneira que eu posso antecipar respostas dos outros, e assim ordenar minhas próprias respostas pessoais. Se fôssemos aprofundar ainda ais estas últimas idéias veríamos que, no mundo humano, é através da linguagem de grupos e sociedades que estas ordenações se estabelecem.

O nosso cotidiano é organizado segundo uma relação móvel, mas permanente, de aqui e agora. Cada um dos momentos de minha vida é uma encruzilhada entre um *aqui* (espaço ocupado pelo meu corpo em meu mundo) e um *agora* (momento que eu vivo em um determinado espaço do mundo). Justamente aquilo que se realiza num encontro de aqui e agora (meu corpo e minha vida) é uma expressão do máximo de realidade que minha consciência pode representar. O estranho do homem, entretanto é que ele pode escapar deste absoluto aqui e agora. Qualquer animal vive sua vida como uma fração de aqui e agora absolutos, sem a possibilidade de uma referência a outros aqui e agora passados, e sem a possibilidade de projeções deles para o seu futuro. Somente o homem tem, em sua consciência, a possibilidade de experimentar sua própria vida em níveis diversos de relação aqui e agora. Somente ele pode voltar a todo instante a um *lá* (que já foi um aqui num momento de cotidiano) e a um *então* (que igualmente já foi um agora). Somente ele pode finalmente projetar-se a outros *lá e então* em que se representa como fazendo isso ou aquilo, e em função do que pode mesmo condicionar todo o seu comportamento presente. Quantos não são os nossos comportamentos de presente, quase que totalmente condicionados pela forma como nos colocamos representativamente num futuro aqui e agora, que esperamos incorporar à nossa vida? Toda essa possibilidade de viver em várias esferas de tempo e espaço, como representação na consciência e como momento de existência, é sumamente importante nas situações de educação.

Ainda que eu possa projetar-me em esferas representadas de tempo e espaço, nenhuma me aparece tão real como aquela em que o meu corpo vive um momento preciso de meu cotidiano. Essa é, para este momento, a única realidade totalmente existente de minha vida.

O cotidiano do homem lhe aparece como uma realidade que ele comparte com os outros. Todos nós experimentamos a certeza de que repartimos com outras pessoas, em inumeráveis situações interativas, a quase totalidade de nosso cotidiano. Experimentamos também a certeza de que Este cotidiano é tão real para nós como para os outros, e pôr isso não nos preocupamos em provar a eles a existência das coisas que se passam nesta esfera de aqui e agora em que nos encontramos. As experiências comuns que as pessoas trocam ao longo de seus cotidianos terminam pôr estabelecer uma longa série de *objetivações* a partir das quais podem repartir “momentos de vida em comum”. Este é um dos aspectos mais importantes na base das comunicações humanas: o *meu aqui*, o espaço que eu ocupo em um momento de minha vida, é sempre o *ali*, o espaço não ocupado do outro.

Meu agora representa sempre para mim alguma coisa diferente daquilo que representa para o outro. A cada encontro nosso partimos de experiências vividas ao longo de outros momentos de cotidiano que nos são absolutamente pessoais. E entretanto, apesar de guardarmos *objetivações* de mundo tão diversas em nosso mundo interior, conservamos uma quantidade comum de significações (mesma língua, mesma interpretação de certos fatos, sentimentos semelhantes) a partir dos quais podemos repartir pedaços comuns de nossa vida em momentos de “encontro cotidiano”.

Até que ponto uma das missões importantes dos treinamentos de relacionamento humano são justamente esta possibilidade de aumento da porção comum de *objetivações* do mundo, como condição de encontros pessoais muito mais profundos e realizantes?

O cotidiano não é apenas a realidade mais evidente ara cada um de nós. Ele é também uma realidade imposta. Isso parece uma idéia estranha. Vamos desdobrá-la. O cotidiano está aí, não precisa de verificações. A menos que eu esteja com alguma séria patologia da consciência, não tenho como deixar de acreditar nele. Eu sei que ele é real porque o experimento a cada momento de minha vida. Mas ele não é só verdadeiro para mim. Ele é também uma realidade de que impõe a mim. Somente com esforços muito grandes posso “me afastar” de meu cotidiano: num

êxtase místico, desmaiado, sob o efeito de drogas ou vivendo alguma emoção tão repentina que me faça “sair de mim mesmo por momentos”.

No entanto, estas situações são quase sempre provisórias e até certo ponto artificiais. De qualquer forma eu sempre volto a me integrar em meu cotidiano. Um sintoma evidente do desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente e a capacidade de estabelecer-se progressivamente mais e mais dentro de seu cotidiano: aquilo a que chamamos “sair de um mundo de fantasia e colocar-se na realidade”.

Mesmo aquilo que eu vivo fora de meu cotidiano é avaliado pôr mim com categorias de comparação que sempre se referem à minha vida cotidiana, e muitas das situações que eu vivo numa situação nova e provisória de cotidiano (um treinamento, pôr exemplo) têm sentido para mim em função do que eu puder transportar para o meu cotidiano (volta ao trabalho).

Ao longo de toda a nossa vida, uma parte de nosso cotidiano nos aparece sob a forma de rotina (situações interiormente já incorporadas ao próprio cotidiano) e uma outra parte me aparece sob a forma de novo (como problema a resolver para poder incorporar ao meu cotidiano). Em uma grande medida vivemos o nosso dia-a-dia numa tarefa ininterrompida de transformar o novo (fora do cotidiano) em rotina (dentro do cotidiano). Assim a criança começa um dia o duro aprendizado da linguagem de seu grupo, até chegar ao momento em que “falar sua língua” já está perfeitamente incorporado à sua própria vida.

Os aprendizados em suas diferentes modalidades constituem situações em que comportamentos, conhecimentos e habilidades são incorporados à rotina cotidiana da pessoa. Uma parte muito significativa da aprendizagem que realizamos ao longo de toda a nossa existência, ou melhor ainda, toda a aprendizagem consiste em transformar o “não cotidiano” (problema) em cotidiano (problema incorporado como resposta que pode provocar outra pergunta, outro problema. .

Muito estranha é esta dinâmica que o homem precisa viver em seu mundo: de uma parte, incorporar como rotina o que lhe aparece como novo, de outra parte, estar sempre a procura de “*novos novos*”. Uma porção mesma de nosso cotidiano nós a vivemos justamente porque é nova, porque está fora do nível de rotina. Quase tudo o que não é dispensável à nossa existência no cotidiano de nossos dias é agradável justamente por ser novo: por isso um filme desconhecido nos interessa tanto, mas quem suporta ver um ótimo filme 7 vezes? Por isso lemos uma

boa revista apenas uma vez; por isso há filas intermináveis junto aos tobogãs, enquanto eles são novidade, e logo depois (não muitos meses mais tarde) eles são desarmados e transportados para outro lugar onde de novo serão novidade.

As relações interativas no cotidiano

É dentro do cotidiano que vivemos a quase totalidade de nossas relações com o outro. Nós o encontramos desde o primeiro momento de vida até o instante da morte, em muitas situações, e com ele repartimos, dia-a-dia as nossas experiências mais importantes.

Que “forma de relação” ocupa a maior porção de nosso cotidiano (e conseqüentemente de nossa vida)? E como ela aparece para nós, como representa em nossa consciência?

A relação interativa mais totalmente comum dentro do cotidiano é a face-a-face, aquela em que as pessoas se encontram compartilhando em comum um aqui e um agora. É claro que podemos repartir nossa vida com pessoas em esferas muito diversas de aqui e agora. Eu me identifico de certa maneira com “todos os homens do mundo”, e posso me sentir intensamente em comunicação com toda a humanidade; posso manter correspondência com alguns profissionais da psicologia e escrever cartas para eles, em vários países, de tempos em tempos (não compartilho nem um aqui, nem um agora) mas, não obstante, nos comunicamos; posso telefonar a um amigo íntimo todos os dias (repartimos um agora, mas não um aqui).

Em todas estas relações experimento “momentos de comunicação”, mas nenhuma é tão real e se impõe tão decisivamente como a relação face a face. E pôr que?

Devido a alguns motivos diferentes, mas intensamente interdependentes. Em primeiro lugar porque esta é a relação com o outro mais freqüente. Se fôssemos pôr sob o microscópio nossa própria vida, veríamos que a grande parte dela foi vivida junto a outros, repartindo momentos de cotidiano. É tão assim que sentimos qualquer outra situação transitória ou muito esporádica.

Em segundo lugar porque é a única em que eu comparto uma totalidade de cotidiano ao ocupar com ele um mesmo espaço de mundo (ainda que em termos imediatos o meu aqui seja sempre o seu ali) e um mesmo momento de existência

estamos em face ao outro, e sentimos que há neste instante uma existência repartida numa fração de cotidiano.

Em terceiro lugar porque é dentro desta relação face a face que o outro me aparece através de um máximo de sinais, sintomas e significados. Qualquer reação do outro a mim pode ser observada direta e imediatamente pôr mim, e o mesmo se passa nele com relação às minhas relações. A cada momento transmitidos um ao outro sinais a respeito de nós mesmos e sinais que nos informam mutuamente como estamos “sentindo e vivendo o outro neste momento”.

E finalmente, em quarto lugar, porque nesta relação face a face, o outro se impõe a mim. Isso não tem o “sentido moral” que a expressão parece conter. Significa que o outro “entra mais em mim mesmo” do que eu próprio. O outro, em certo sentido, é até mesmo pré-consciente, imediato. Eu me sinto inteiramente aberto a ele, tanto assim, que se no meio da relação face a face quiser pensar em mim mesmo, terei que me desligar dele a tal ponto que muito possivelmente ele sentirá a minha “ausência da relação”. Por isso talvez a relação com o outro é em parte angustiante. Porque nós sempre nos sentimos um pouco a mercê do outro, entregues a ele diretamente.

Quando eu me ruborizo frente a um outro, só eu sinto o que me fez ruborizar, mas é o outro quem percebe imediatamente que “eu fiquei vermelho”. Eu mesmo precisaria de um espelho para ver em mim o que ofereço diretamente para o outro, na relação face a face. Isso é apenas um pequeno exemplo do que significa a imposição do outro a nós neste tipo de relação.

Pôr isso a relação face a face e a matriz de todo o relacionamento humano, e todas as outras são vividas com referência a ela, e segundo os seus esquemas básicos. Uma conseqüência direta de tudo isso é a flexibilidade da relação face a face. Como ela é imediata e carregada dos sintomas interlocutores, é sempre possível fazê-la mudar a cada instante. Todos nós vivemos isso constantemente. Um amigo vai visitar-me e ao longo de nossa conversa passamos tristes recordações para a discussão de coisas muito práticas, e daí para uma alegre troca de piadas novas. Como estou sempre recebendo os sinais, a todo momento sentimos que podemos “trocar de tom” em nossa relação. No entanto, contraditoriamente, mesmo a relação face a face é ainda uma relação tipificada e predeterminada. O que significa isso?

Significa que, sempre que eu me coloco frente a um outro, ainda que tenha a seu respeito um mínimo de dados, terei a organizar estes dados e interpretá-los segundo o meu quadro interno de referências. A partir daí, ainda que isso nem sequer seja percebido conscientemente pôr mim, terei qualificado o outro sob a forma de um *tipo* que tem para mim tais e tais significados; terei portanto preestabelecido a forma como entrarei na relação com ele, porque terei também tipificado a mim mesmo frente a este tipo de relação com este outro. É bem verdade que o nosso próprio contato pode derrubar tipificações anteriores e conseqüentemente mudar o curso de nossa relação face a face, mas outras tipificações se sucederão de modo tal que nossa relação partirá sempre de como o outro “aparece dentro de mim” e que valores atribuo a ele em meu mundo interior. Uma das funções mais importantes das relações interativas entre as pessoas esta justamente na possibilidade de substituição de tipificações de natureza sócio-cultural pôr vivência pessoalizada do outro. Mas como estas tipificações possuem um valor econômico muito grande para as nossas relações (fica mais fácil comunicar-se com o outro partindo de certos dados que considero como estabelecidos), pode-se imaginar que seja impossível uma relação face a face totalmente não predeterminada, ou seja, totalmente espontânea e improvisada.

Em nossa comunicação com o outro podemos tê-lo a vários níveis de distância numa relação de aqui e agora. Isso já foi visto. Eu posso ter o outro numa relação bastante íntima e próxima em termos de aqui e agora, ou posso tê-lo numa situação de quase total impessoalidade. As pessoas ocupam em nossa vida esferas muito variadas de proximidade.

Esta relação se complica, se ao dado proximidade relacional juntamos a significação interiorizada do outro. Em uma outra esfera que vai do mínimo ao máximo de importância para mim, os outros se colocam em meu cotidiano, ao longo de minha vida

Eu reparto o meu dia-a-dia com pessoas cujo destino e profundamente importante para o meu, e o comparto com pessoas que mesmo próximas em tempo d espaço tem uma significação muito restrita.

Jogando com as duas esferas vemos em nossa própria vida que as pessoas podem ocupar dimensões absolutamente diversas. Muitas vezes um meu vizinho de há 15 anos, que cruza comigo pelo menos três vezes ao dia, tem uma significação muito menor em meu mundo interior do que uma pessoa com quem estive pôr poucas horas, num dia longínquo de minha vida, mas que me marcou

para sempre. Quem de nós iria visitar um ascensorista do prédio onde trabalhamos, se soubéssemos que ele está enfermo? Quem de nós deixaria de ouvir com toda a atenção vários noticiários de rádio e televisão, se comesçassem a nos transmitir notícias sobre uma possível grave enfermidade da Rainha da Inglaterra?

O verdadeiro educador é um *profissional do face a face*. Grande parte de toda a sua vida é estar com pessoas, com grupos, em relações diretas, onde nada é mais importante do que estas pessoas, estes grupos, e o que acontece ando estão repartindo um pouco de aqui e agora.

BIBLIOGRAFIA

Berger, Peter e Thomas, Luckmann
A construção social da realidade
1996, VOZES, Petrópolis